

Contribuições do pensamento de Roger Bastide para a análise de interações espirituais

Linderval Augusto Monteiro¹
Ana Maria Valias Andrade Silveira²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i31.41847>

Resumo: Este artigo é fragmento de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é demonstrar as transformações (LEVI-STRAUSS, 1970) de categorias que foram estudadas em final do século XIX e início do século XX, são elas: transe, possessão e êxtase, como elementos de um mesmo princípio fundamentado no modo como agências humanas e agências espirituais que, ao interagirem, alteram as composições do “social”. É prioridade aqui, apresentar o pensamento sociológico de Roger Bastide, haja vista as contribuições dos seus escritos para apreender as novas possibilidades de pensar o termo social a partir de Bruno Latour (2012). Com o advento da “história problema” as novas historicidades podem ser compreendidas com o recurso dos recuos do tempo. A aproximação da história com a antropologia coloca em destaque a potência do pensamento interdisciplinar (BLOCH, 2001). Ao encontro desta prerrogativa, Roger Bastide foi um intelectual além do seu tempo, dialogando com a literatura, etnologia, sociologia e psicologia. O método sociológico (DURKHEIM, 1912; MAUSS, 2003), é elemento fundamental para embasar a ideia de social, para novas composições da proposta intitulada interação espiritual.

Palavras-chave: Transformações; Agência; Rede; Espiritualidade.

Contributions of Roger Bastide 'S thoughts for the analysis of the spiritual interactions

Abstract: This paper is a fragment of a research in progress, whose goal is to show the transformations (LEVI-STRAUSS, 1970) of the categories already studied during the end

¹ Possui Graduação de História Pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como Professor Adjunto do Curso de História na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, e membro permanente do quadro docente do Programa de Pós Graduação em História na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Email: lindervalmonteiro@ufgd.edu.br.

² Mestre em Antropologia Social, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados(UFGD). Email: ana_vallias@hotmail.com.

of the 19th century and beginning of the 20th – trance, possession and ecstasy – like elements of a same principle grounded on how both spiritual and human agents that, when interacting, change the composition of ‘social’. It is a priority here to present the sociological thoughts and concepts of Roger Bastide, given his written contributions, in order to apprehend new possibilities of seeing the term ‘social’. With the arrival of the “problem history”, new historicities may be understood through the resource of time recoil. The approximation of History to Anthropology evidences the potency of the interdisciplinary thoughts (BLOCH, 2001). To meet this prerogative, Roger Bastide became an intellectual beyond his time due to his dialogue with literature, ethnology, sociology and psychology. The sociological method (DURKHEIM, 1912; MAUSS, 2003) is the core element for grounding the idea of social, given the new compositions of the proposal entitled ‘spiritual interaction’.

Keywords: Transformation; Agency; Net; Spirituality.

Contribuciones de las ideas de Roger Bastide para el análisis de las interacciones espirituales

Resumen: Este artículo es un fragmento de una búsqueda en curso, cuyo objetivo es demostrar las transformaciones (LEVI-STRAUSS, 1970) categorías que fueron estudiadas al final del siglo XIX y comienzo del siglo XX, son: trance, la posesión y el éxtasis, como elementos de un mismo principio basado en como agencias humanas y espirituales que, al interactuar, alteran las composiciones de "social". Es la prioridad aquí presentar la idea sociológica de Roger Bastide, haber visto las contribuciones de sus obras para comprender las nuevas posibilidades de pensar el período sociable de arranque de Bruno Latour (2012). Con el venir del “problema de historia” la nueva historicidad puede ser comprendida con el recurso de los recuos de época. El enfoque de la historia con la antropología pone la potencia de la idea interdisciplinaria en prominencia (Bloch 2001). Al encuentro de este derecho, Roger Bastide era intelectual además de su tiempo, dialogando con la literatura, la etnología, sociología y psicología. El método sociológico (DURKHEIM, 1912; MAUSS, 2003) es el elemento fundamental para fundar la idea de sociable, para nuevas composiciones de la propuesta de dar derecho a la interacción espiritual.

Palabras clave: Transformación; Agencia; Red; Espiritualidad.

Recebido em 26/02/2018 - Aprovado em 20/03/2018

Introdução

Roger Bastide faz parte da geração de intelectuais preocupados em produzir uma epistemologia etnológica clássica em que o funcionalismo sistêmico analisava os grupos sociais numa perspectiva fechada, coesa e a-histórica. A ideia de pureza era predominante em detrimento dos desarranjos da mistura ocasionada pela miscigenação. A

recusa da transformação é a marca do contexto histórico, palco em que o autor desenvolveu sua análise crítica (AMARAL, 2010), assim, a ideia de mudança significava uma verdadeira ameaça. À medida que a noção processual é considerada pela etnologia francesa (BASTIDE, 2016), ocorre o encontro da história com a antropologia.

Naquela época, suas pesquisas repercutiam de modo contrário ao que estava sendo disseminado como o modo ideal de conhecer as coisas, justamente por conta do método sociológico realizado por Emile Durkheim e a ideia das sociedades harmônicas, contudo, sem a possibilidade de mencionar a realidade das interações entre os povos, tampouco o dinamismo da cultura. Isso expressa a rigidez com que os pensadores interpunham o psicológico ao social, recusa dialógica esta resultante do abismo entre os estudiosos das ciências sociais e os estudiosos da mente humana.

A ideia de Durkheim sobre as formas de conhecimento postas à consciência determina a capacidade da atemporalidade e da universalidade produzir e delimitar aquilo que pode ser conhecido daquilo que não pode ser conhecido, tendo em vista que o aspecto metafísico era rebaixado à desconsideração e irrelevância científica. Para Roger Bastide, este era um dos principais entraves a quem voltava seu interesse aos campos obscuros do inconsciente, assim, o afastamento de Émile Durkheim o aproximou de Lévy Bruhl (1857-1939).

Partindo das considerações sobre as experiências místicas como manifestos obscuros e confusos, enquanto o conhecimento era intitulado claro e distinto, Bastide (2016) afirma que a dimensão do social movimentava o campo do sensível e da afetividade, ocasionando a dicotomia que dá origem à noção de pré-lógica.

Na análise do transe, ele encontra uma prática litúrgica revestida de sentido e conexão com deuses, e esta perspectiva do pensamento o encaminha a novos patamares de entendimento. Tais mentalidades obscuras só eram consideradas devido à limitação de que tudo só poderia ser explicado através da lógica tradicional que limita outras formas de manifestar-se do ponto de vista da interação. Ainda que sejam mantidas à margem do pensamento ocidental, Bastide inaugura a noção de que se tratam de práticas com regras e sentidos consistentes dentro de um aspecto social, em especial sob a ótica das religiões afro brasileiras.

Como um dos estudiosos do campo afro brasileiro, Roger Bastide menciona três importantes categorias - transe, possessão e êxtase, de um modo mais integrado - buscando sinalizar a necessidade de análise destes fenômenos por si só, e não como aspectos capazes de dizer algo sobre outras questões como o gênero (BIRMAN, 1995), relações de poder (DANTAS, 1998), ou mesmo fenômeno psicopatológico (RODRIGUES, 1935), que era o pensamento da época. Contudo, ainda que se reconheça a importância destas pesquisas, cabe considerar a ausência de um entendimento mais

aprofundado, pois, as explicações destas práticas são um meio para compreender aspectos da realidade social, mas pouco é mencionado sobre estas práticas como um fim em si, ou seja, do ponto de vista objetivo.

Seria possível até mesmo mencionar a necessidade de problematizar de modo objetivo as relações que os interlocutores mantêm com seus espíritos, suas divindades, sua espiritualidade, visto que as relações com os espíritos são um meio para compreendermos a realidade social deste campo em se tratando do aspecto religioso, contudo é válido questionar como podemos pensar a instauração desta interação, que é um princípio que rege a ligação entre humanos e agências espirituais (RABELLO, 2011).

Roger Bastide ensaia esta ideia, mas não se aprofunda de fato. Visto que foi um dos estudiosos que tentaram considerar e relevar estas relações de um ponto de vista desafiador para a ciência e para a teoria do conhecimento - ainda que não tenha tido estrutura para dar andamento nestes aspectos - esta autora considera fundamental que esse pensamento não deve ser negligenciado apenas a um elemento cultural, o que vai de encontro ao modo como os estudiosos estão, de certa forma, limitados ao desejo de uma relação simétrica com seus “objetos de pesquisa”.

Assim, a ideia da interação espiritual unifica todas estas categorias ao afirmarmos que em suas mais diversas formas de manifestação, por exemplo, nas religiões embasadas no Espiritismo ou outras que integram o cenário mediúnico a comunicação espiritual é um consenso e ao mesmo tempo silenciada enquanto intermediação individual ou coletiva, mas, pouco explorada enquanto um fenômeno em si.

Com o intuito de pensar como o pensamento de Roger Bastide pode contribuir para prosseguir com as possibilidades de entendimento a partir da teoria desenvolvida por Bruno Latour, o período histórico vivido pelo autor enfrenta justamente as limitações da lógica tradicional para conceber entendimento sobre a lógica de outras estruturas de pensamento, até mesmo aquelas que concebem como uma possibilidade de associação. Apresentar as articulações da ideia de transe e suas aproximações ajuda a enfatizar que há a existência de uma base que sustenta as transformações que são as categorias que os estudiosos utilizaram para se referir à interação dos humanos com os espíritos. Esta base diz respeito ao sobrenatural, e Roger Bastide não duvidava disso, porquanto buscou compreender o processo diacrônico destas categorias para melhor analisar as mudanças e continuidades, permanências e rupturas desses processos interacionistas. Dessa forma, este artigo foi dividido com o intuito de melhor compreendermos como se dava esse pensamento sob a ótica bastidiana.

Num primeiro momento, serão apresentados aspectos da trajetória intelectual de Roger Bastide, buscando o entendimento das bases que possibilitaram formulações teóricas que trouxeram elementos para uma reconstituição das discussões sobre os

“estados de santo” do Candomblé, sobretudo considerando a importância exercida pela Escola Sociológica Francesa no estudo do que chamamos de ‘formas de interações espirituais’. As contribuições para pensar tais fenômenos serão retratadas aqui, bem como a análise contextual histórica, como forma de expressar o que ainda se pode ser extraído em termos de estudo para compreensão de como o pensamento epistemológico foi desenvolvido em se tratando de práticas vividas no cenário religioso mediúnico.

Ainda que o recuo histórico seja uma possibilidade importante para a compreensão daquele período vivenciado por Bastide, é fundamental observar suas funcionalidades para pensar o presente, sob outros olhares, encaminhando novas reflexões para o aprimoramento dos estudos sobre os sujeitos históricos que integram a rede espiritual³ que envolve outros agentes, ou, outros humanos.

No segundo momento, será evocado o pensamento bastidiano sobre o transe, a possessão e o êxtase refletindo, a partir da afirmação do autor, que as diferenças ganham maior visibilidade em detrimento das semelhanças dentro dessas categorias que se complementam. Ao considerarmos as diferenças, é possível também pensar naquilo que regula e integra estas práticas que viabilizam a comunicação com o sobrenatural. Ao apresentar as variedades, mostra-se um caminho para pensar aquilo que se encontra em todas elas: um chamado dos deuses, uma comunicação com os mortos.

Assim, a transcendência do social é um ponto de chegada neste artigo que propõe retratar fragmentos de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é constatar as variabilidades em diacronia como um método para pensar em que tais categorias estão de comum acordo.

Contribuições da Trajetória Intelectual

É importante para este tópico apresentar algumas características da trajetória de Roger Bastide na própria literatura. Sua origem calvinista e seu interesse pelo misticismo é um dos aspectos a serem mencionados. De acordo com suas percepções literárias, havia curiosidade quanto às influências que a religião exercia nos literatos franceses, bem como a relação que estes mantinham com seu local de origem.

³ A inauguração da ideia de Interação Espiritual, diz respeito a um campo reflexivo de autores como Bruno Latour (2012), que inovaram ao promover a ideia de simetria quanto às possibilidades de considerar a perspectiva dos “outros”, incluindo a capacidade de produzir novas composições do social que atravessam a lógica do conhecimento tradicional. Logo, existem várias possibilidades de conectar agências humanas e não humanas. Dando um passo à frente nesta concepção, este raciocínio possibilita o avanço do pensamento sobre as relações entre humanos e espíritos. As interações espirituais seriam a síntese da união entre estes elementos que promovem o transbordamento daquilo que denominamos ser “social” (Grifo nosso).

Ao entrar em contato com o livro *Navette Literária França-Brasil – a crítica de Roger Bastide*, a autora Gloria Carneiro do Amaral (2010), menciona que o autor demonstrava preocupação em compreender o que estava por trás das aparências, ou seja, o modo como os autores franceses olhavam para aquilo que descreviam. Isso demonstra que o lugar de onde se fala do ponto de vista geográfico, ideológico e até mesmo religioso, é um dos elementos que orientam a formação de um pensamento sobre as coisas.

Nesse sentido, a relação que Roger Bastide tinha com sua origem religiosa protestante no período da Reforma demonstra que o campo religioso, e principalmente os atributos que movimentavam a fé e o contato com as forças ocultas, propiciaram a base fundamental do modo como o autor encaminhava suas percepções sobre a realidade social, e até mesmo a realidade brasileira no início do século XX.

Outro elemento de sua trajetória é o modo poético com que o autor se refere ao misticismo e à religião. Em contato com o poeta Pierre Jean Jouve (1887-1976), o autor escreve um artigo em que mostra de modo emblemático as diferenciações entre experiências místicas e poéticas da religião. Assim, o campo místico é um portal que permite acesso a significações mais profundas. De fato, isso implica na capacidade poética de conceber um plano mais intenso das experiências, considerado como algo que está para além das aparências.

Quando o fenômeno do transe, através dos estados de santo, começaram a ganhar relevância analítica, possivelmente tais aspirações poéticas tocaram de algum modo o autor, ainda que não diretamente, mas, no que se refere à crença, certamente podemos fazer uma conexão da aproximação com o campo religioso afro-brasileiro e com suas experiências místicas (AMARAL, 2010), ao mesmo tempo em que se afasta da sua origem religiosa, uma vez que teologicamente não se fundem.

O caráter místico poético enfatizado pelo autor busca destacar aspectos da natureza mística do ponto de vista da experiência capaz de sobressair de uma camada da realidade superficial. Esta significação profunda das coisas eleva o pensamento bastidiano ao campo metafísico diante da manifestação de aspectos ligados à espiritualidade. O modo como o autor interage com a ideia de espiritualidade sinaliza que, ainda que esta “outra camada” intensa e interiorizada do ser humano seja parte do inconsciente, ou seja, ligado a outra dimensão de um indivíduo transcendente, a capacidade de outras formas de existência não eram negadas por Roger Bastide, logo, as raízes de toda sua análise criteriosa das religiões afro-brasileiras estavam voltadas ao vínculo pessoal que mantinha com o campo místico, desde o protestantismo que lhe era bastante familiar, devido às relações que manteve na infância por influência de seus pais, até imergir em outros campos religiosos.

O intuito é, igualmente, demonstrar através dos recursos do tempo que a história e o processo intelectual de Roger Bastide são capazes de iluminar uma continuidade de análise crítica das categorias que elaboram sentidos por meio das práticas de interação com espíritos, não-humanos ou outros humanos, considerando o que o filósofo Bruno Latour (2012) apresenta como um campo em que todas essas esferas podem manter relação. Reconhece-se que Bruno Latour (2012) em momento algum fala de ‘espíritos’, mas, sua obra nos permite pensar o “para além” do social, ampliando, assim, o campo de possibilidades.

A relação que Bastide estabelece entre poesia e sociologia deixa margens a críticas quanto à ausência da cientificidade das pretensões positivas do conhecimento e das possibilidades de apreender aspectos importantes da sociedade. Esta proximidade também demonstra a ligação do autor com a área da psicologia e os estudos do inconsciente, voltados justamente a este aspecto intuitivo e instintivo do ser humano. Tal intuição, e o afeto pela poesia, dialogam com aspectos ligados à noção daquilo que está ocultado e que, de alguma forma, extrapola as possibilidades de apreensão do ponto de vista essencial das experiências, proporcionado no âmbito místico.

Roger Bastide tinha esta crença de modo enfático, sobretudo em sua trajetória crítico- literária, cuja percepção abriu caminhos para a construção da introdução da poesia afro-brasileira: “...*não se matam os deuses. [...] Escrever é trazer das profundezas do eu todos os tesouros escondidos, todas as flores noturnas do subconsciente e é também, conseqüentemente, acordar todos os demônios e os deuses ocultos, é libertar os antepassados recalçados*” (BASTIDE, 1936, p. 58). Certamente, se o sociólogo francês não percorresse os caminhos que escolheu percorrer, não teria consciência da magnitude dos estudos dos fenômenos da possessão.

Alguns leitores de Roger Bastide demonstram as transições teórico- metodológicas que orientaram seu ponto de vista nos campos onde desenvolveu sua análise crítica. A impressão é que a teoria sempre foi muito privilegiada pelos intelectuais nos quais Bastide se embasou para pensar a produção do conhecimento, mas, reconhecem que, no caso das religiões afro-brasileiras, as teorias não cabiam na realidade social, até mesmo tendo em vista o fenômeno da miscigenação característicos daquele período histórico. Assim, a tradição antropológico-sociológica francesa reflete na sociedade brasileira.

A presença africana no Brasil foi sentida pelo autor através de Gilberto Freyre e sua reflexão sobre a formação estrutural do conceito de cultura no Brasil, logo, havia necessidade de conhecer as especificidades que caracterizavam o país. A África no Brasil foi perseguida por autores denominados ‘africanistas’ que, ao se depararem com o fenômeno da miscigenação e os perigos de uma degenerescência, tentam se aproximar de uma pureza, que permitiria análises sobre uma tradição Nagô, que poderia desaparecer no

tempo e no espaço, pois viam na mistura uma diluição dos povos, o mesmo que um apagamento de traços culturais. Logo, é possível pensar que o equívoco das conotações negativas deste termo, o africanismo, está dentro de um contexto bem mais amplo, logo, não é isolado, tampouco existe por si só. Assim, as significações se transformam, logo, o pensamento positivista que imperava naquele momento não permitiam a consciência presente do que de fato a inferioridade simboliza, e não há o que nos garanta que este mesmo termo não cabia naquele momento.

Considerando os caminhos percorridos pelo autor para chegar ao fenômeno da possessão, inicialmente Roger Bastide adotou um procedimento bem próximo das formas elementares da vida religiosa de Emile Durkheim, mas as formas elementares referiam-se às experiências místicas. De acordo com o pensamento bastidiano, tais experiências encontram-se presentes em outros campos fora da Religião. Estes fenômenos estão presentes em indivíduos predispostos a estabelecerem tais conexões.

Estes estados podem ser acionados tanto nas relações que se estabelecem com a natureza, e até mesmo com a prática filosófica. Esta poética demonstra que a vida mística é uma capacidade de entrar em contato com outras camadas que atravessam o social (LATOURET, 2012), mas, ainda dentro de uma perspectiva positivista, havia demarcações que determinavam pontos simples e complexos no que se refere ao modo como estas ligações procedem no indivíduo do ponto de vista performático (PEIXOTO, 2000).

Dentro de algumas colocações quanto ao modo de Bastide mencionar os estados de êxtase, é perceptível que os aspectos causais do processo desta conexão transcende o contato com deuses e divindades ancestrais. Segundo algumas obras já lidas sobre os estudos afro-brasileiros, Roger Bastide não nega a existência, tampouco a possibilidade desta interconexão “ser” de modo efetivo, no entanto, não torna explícito, por se tratar de algo que também o envolve, devido sua trajetória religiosa ligada ao Protestantismo. As classificações de experiências místicas apresentadas não negam o elemento fundamental desta conexão ou ligação transcendente, mas possibilita-nos pensar na capacidade de conectar sentidos aspectos que devem ser explorados, no sentido de, ao invés de indagar o “como” empírico, indagar sobre quais as possíveis causas que podem contribuir para o aprimoramento do desenvolvimento do pensamento epistemológico.

Tornando-se africanista e preocupado com a formação de uma antropologia Nagô, Roger Bastide adentra ao universo metafísico para percorrer os espaços de intermediação relacionados às práticas do fenômeno de estados de transe, possessão e o êxtase. No livro *O Candomblé da Bahia*, fica claro o modo como o autor percorre o aspecto metafísico, problematizando tais campos que, ao degradarem, transformam-se em mito.

Muito mais do que entender os fenômenos de transe e possessão, era preciso compreender o pensamento africano. Através dos rituais, era possível penetrar o mundo dos deuses. A possessão em última instância se circunscrevia num fenômeno expressivo do modelo mítico, em conformidade com as experiências sociais dos indivíduos, visto que o que regula o mítico é a posse. E a possessão, muito mais do que o transe, era a expressão teatral da vida dos deuses.

De acordo com o autor: “... os estímulos decorrem de outro mundo, do mundo místico para o qual a possessão atirou o cavalo dos deuses” (BASTIDE, 1978, p.202). Bastide não estava preocupado em compreender as ligações entre homens e deuses, mas, é a partir destas categorias e classificações que consegue penetrar nas estruturas mitológicas dos povos africanos no Brasil. Por isso, escolhe a via das similaridades entre o êxtase e a estrutura mitológica, sendo esta seu modelo analítico. A partir do mito, olhava a realidade ritualística das cerimônias e festas do Candomblé. De modo dedutivo, a natureza dos mitos determinavam as práticas de possessão (BASTIDE, 1978).

Outra questão, que é a mais conhecida por estudos destes fenômenos, foi o modo como Bastide desloca o foco de atenção das análises, pois, a partir de uma perspectiva sociológica, há um novo horizonte de possibilidade. Os fenômenos do transe e possessão eram estudados por africanistas que afirmavam haver uma ligação racional na produção do conhecimento, assim, direcionavam tais comportamentos à patologia, como a histeria enquanto elemento de classificação da área da psiquiatria.

Ainda que Roger Bastide não negue tais constatações, articula a visibilidade social, demonstrando a conformidade ritual com a sociedade abrangente, sendo este um dos princípios que provocavam tais práticas, devido à realidade cotidiana do negro em solos brasileiros. Outra contribuição é que há afirmação de sentido nas cerimônias religiosas, sendo estimados, assim, do ponto de vista cultural, enquanto um modo de expressão culta de uma cultura vista com inferioridade pelo contexto vigente (BASTIDE, 2016). A ideia da inferioridade foi realocada, logo, persistiu sob outros elementos. E um destes elementos é o enquadramento do transe e posse enquanto uma simulação teatral.

Na introdução do livro *Estudos afro-brasileiros*, Roger Bastide considera sua trajetória como expressão da sua experiência nos terreiros Nagô. Este fato demonstra que havia uma relação poética com a religião afro-brasileira e os deuses africanos; a ideia de conhecê-los através dos estados de santo e a crença desta perspectiva marcam a possibilidade de conhecer e compreender outras formas de vida religiosa. No sentido da autoconversão, reconhece a posição etnocêntrica propondo uma nova mentalidade para a possibilidade de aproximação da realidade religiosa, o que denota a consciência que tinha quanto às percepções que transitavam entre suas aspirações íntimas e concepções teóricas que orientavam sua análise. Ainda que negue as possibilidades de existência, Roger

Bastide vai estabelecer relações ocupadas por aqueles que pesquisam o que vivem em nível pessoal.

Ao mencionar as produções intelectuais do médico Raimundo Nina Rodrigues (1935), Arthur Ramos (1942), dentre outros, destaca a ausência de uma abordagem capaz de privilegiar aspectos filosóficos que mereciam devida atenção. A metafísica se mantinha à margem de um conjunto de imaginários supersticiosos e folclóricos. O fenômeno da possessão, veiculado num espaço de um conjunto religioso afro-brasileiro, era realizado a fim de atestar a condição mental inferior dos negros baianos. E, quando se percebe as conexões dos estados de santo e aspectos da estrutura mitológica, o ponto de onde se olha transforma o conhecimento na introdução de outras correntes de pensamento (BASTIDE, 1978).

Ao observar o fenômeno do transe, o autor afirma que havia o entendimento do aspecto de conexão que a experiência religiosa proporciona ao indivíduo e, ainda, esta relação que ocorre entre humanos e não humanos é um dos aspectos fundamentais. Indo adiante, existe a percepção de que enquanto nas religiões ocidentais são os homens que se elevam aos deuses, nas religiões mediúnicas são os deuses que se manifestam de modo orgânico no indivíduo.

A ligação dos homens com agências não humanas são encaradas pelos estudos de Roger Bastide como um fato dado, com pouca reflexão aprofundada sobre os estabelecimentos desta relação que conecta e cria novos modos de interações sociais. Detectar que há esta ligação é o ponto de partida, mais do que se utilizar como um meio de compreender outras camadas desta mesma realidade. É necessário destacar os elementos que constituem este veículo de comunicação, no sentido de pensar como as categorias transe, possessão e êxtase estão interligadas, haja vista que fazem parte de um processo contínuo marcado pelas fases ritualísticas.

A categoria possessão, por exemplo, denomina o fenômeno da manifestação mitológica no corpo. E ainda que o sincretismo ganhe destaque devido às situações de contato facilitado pelo contexto da realidade social brasileira, não há menções quanto à constituição reflexiva do ponto de vista de um contato de atravessa o indivíduo e rompe com a materialização daquilo que poder ser concebido como existência. O mesmo termo presente nas observações do autor é ato performático ligado ao ritual, estando presente em outras variedades de modalidades religiosas de matriz africana, percebendo o *continuum* existente que envolve de forma direta a religião espírita (CAPONE, 2004), justamente por possuírem correspondências na eficiência da comunicação com os espíritos. Desta forma, a possessão é um termo utilizado dentro de um campo religioso mais amplo.

Já o transe corresponde à parte de um trajeto. Este fenômeno pode ocorrer de vários modos, em alguns casos casuais, em que as crises iniciáticas podem ocorrer na ausência de um desejo, o que demonstra que havia uma espécie de “obrigação”, em que não poderia haver discordância por parte do indivíduo que vive este rito de passagem (BASTIDE, 1978). Esta crise é um processo demarcado por uma espécie de continuidade que se inicia de modo violento a uma constante e permanente adequação que caminha à fase da possessão que, neste caso, é a estabilidade que regula e fortalece a cerimônia.

Nesta fase, o indivíduo amplia sua familiaridade com seu “santo de cabeça” e, a partir daí, se instaura a relação com espíritos e/ou divindades. No caso da religião do candomblé, a crise do transe pode ocorrer de modo casual e sem o consentimento do indivíduo que a recebe, demonstrando um caráter passivo e o poder espiritual neste campo de religiosidade, o que indica as interferências que divindades e entidades são capazes de produzir sobre o homem, induzindo ao pensamento do papel da agência no campo espiritual.

A constituição da agência foi mencionada pela Professora Miriam Rabelo da Universidade Federal da Bahia, num artigo publicado em 2008, em que consta uma análise descritiva de três trajetórias medianímicas⁴ de indivíduos, enfatizando o poder que as entidades infundem nos humanos, bem como a capacidade de ação e transformação de uma realidade individual ligada ao contexto amplo do social, considerando discursos de ancestralidade africana enquanto legitimação de fundo político. Se os intelectuais sentem a necessidade de explicar e narrar experiências de possessão e iniciações de transe, os indivíduos que vivenciam estas experiências também articulam sentido para aquilo, com o intuito de dar forma.

Desse modo, a explicação do passado, por exemplo, está ligada a trajetórias iniciáticas que apresentam o encontro do indivíduo com a entidade que se utiliza da corporeidade fenomenológica como uma possibilidade de existir. Sendo assim, os sujeitos fornecem um ordenamento que articula explicações de um ponto de vista do presente. Quanto à densidade significativa das experiências humanas conectadas às agências espirituais, há relações com potencial para movimentar e transcender cenários mais amplos da composição de social, tendo em vista as múltiplas dimensões em que tais fenômenos são capazes de se manifestar (RABELO, 2008).

⁴ Este termo foi utilizado para se referir às intermediações entre o homem e o mundo dos espíritos com um fim em si mesmo, não tendo nenhuma ligação com algo que pode ser subjetivado através da experiência. Alguns espiritualistas, ao compreender que esta ligação independe de uma mediação de experiências religiosas, ampliam as possibilidades desta intermediação em vários campos do social.

Outro aspecto fundamental é que o transe, a possessão e o êxtase não podem ser considerados exclusivos e interdependentes, pois estão vinculados a um processo em continuidade e adaptação. Trata-se de momentos diferentes de um mesmo fenômeno, com aspectos correspondentes, possibilitados pelas mesmas características e a mesma finalidade, a ligação espiritual. Neste caso, não há somente espíritos envolvidos, tampouco somente indivíduos, contudo, trata-se de uma rede de relações que se articulam.

Nessa perspectiva, estudiosos das religiões afro-brasileiras buscam categorias que possam dar conta de codificar experiências espirituais, no intuito de tornar uma realidade possível de ser vislumbrada. No entanto, a variedade de modalidades religiosas de matriz africana, e de categorias que buscam compreender a ligação entre humanos e deuses, é um percurso que apresenta o fenômeno como parte de um ponto de vista do outro o qual se pretende compreender, embora os meios pelos quais este intercâmbio ocorre são pouco privilegiados. Nesse sentido, relegar esta ligação do ponto de vista folclórico e cultural, com a ideia de representação significa dizer que algo não é, em si, o que torna este ponto discordante dos objetivos desta reflexão, em que se propõe construir caminhos e possibilidades de pensar estes fenômenos em si mesmos, não enquanto um meio de compreender outros aspectos de uma realidade.

Um aspecto do fenômeno da possessão é o modo como é referenciado por Bastide em sua frase: “(...) *são os deuses da África que dançam*” (BASTIDE, 1983, p.201), enfatizando a presença. O próprio modo como articula pensamentos e ideias acerca da palavra “espiritualidade” demonstra que há noção de existência e, ainda que não se mostre efetiva na produção intelectual do autor, se estabelece quando expressa as intermediações entre homens e deuses. Fica claro quando, em alguns momentos, afirma que a crise mística não é patológica, por estar dentro de um conjunto simbólico tanto do ponto de vista espaço-temporal, quanto sobre o enquadramento de uma organização ritualística enquanto perspectiva para a produção do pensamento sociológico (BASTIDE, 1983).

Nos candomblés, por exemplo, o fenômeno do êxtase é característico pelo adormecimento da percepção do indivíduo. Há, contudo, possibilidade de se pensar campos vulneráveis do indivíduo com caráter impotente perante a divindade que se comunica através dos aparelhos psíquicos do *intermediador*. Neste caso, há ausência total da consciência e o corpo fica à disposição da força invisível. Transformações de personalidade, manuseio de brasas vivas, pólvoras acessas nas mãos dos intermediários sem nenhum tipo de proteção, sob responsabilidade das entidades e deuses, sob ausência da sensibilidade são exemplos daquilo que o autor categoriza como êxtase. Já houve casos presenciados pela autora deste artigo em que, após a manifestação do espírito, o

intermediário, apresentou feridas no corpo ocasionado pelo espírito comunicante, sem nenhuma impressão do indivíduo consciente quanto aos acontecimentos que provocaram aquele ferimento.

Contudo, há que se observar que alguns casos de simulação são mencionados por Roger Bastide. Pode-se pensar que há possibilidade de o autor ter feito escolhas do melhor modo de enfrentar um dos aspectos mais emblemáticos das relações que homens estabelecem com espíritos, a existência ou não dos deuses sob o âmbito da dimensão espiritual. Ainda que o autor não se posicione na tentativa de problematizar esta questão, é possível perceber que este domínio que deuses exercem no mundo dos homens é uma situação que demonstra que acontecimentos na trajetória individual dos intermediários⁵ são determinados por relações que estabelecem com espíritos, o que indica as possibilidades de agência⁶ por parte dos não humanos. O aprofundamento destas questões não atingem Bastide, mas é perceptível sua inquietação ao se dispor de uma pergunta pertinente: “(...) *se o transe é de fato real, como explicá-lo?*” (BASTIDE, 1983, p.304).

Em seu livro *O Sonho, o transe e a loucura*, Roger Bastide enfatiza seu intento em construir uma gramática do transe, partindo da oposição entre a possessão dos deuses e a possessão dos mortos. O que caracteriza o transe místico africano é o processo de comunicação e intermediação do homem com os deuses. Somente aí há constituição de como os negros possuem ampla capacidade de perceber e classificar as mais variadas formas de estados de transe, ainda considerando processos ritualísticos que se modificam no tempo no instante em que as experiências vão ocorrendo. Há estados psíquicos diferentes. É necessário perceber como os africanos possuem capacidade de classificar e destacar as percepções que articulam ao viabilizar um sentido para aquilo que crêem existir. Mas, dentre as diversas manifestações do transe e possessão, até mesmo estados e êxtase, há um único objetivo, produzir condições que possam elevar os homens aos deuses.

Considerações Finais

Pensando o papel da análise de uma perspectiva etnográfica para aspirações mais gerais do pensamento sociológico, Márcio Goldman (2011) reflete o papel da sociologia não somente para a trajetória intelectual de Bastide, mas também para a importância que ocupa em análises que vêm de modo bastante demarcado as relações etnográficas com

⁵ Os intermediários são os indivíduos humanos que se ligam com agências espirituais através do corpo, servindo, assim, de intermediação com outras camadas do social.

⁶ A noção de agência expressa a capacidade de agir e de causar efeitos sob os fatos os quais interagem nas relações, bem como um campo de possibilidades se apresentam a partir destas ações, e o que podem produzir na realidade. Ver Saba Mahmood (2001).

aspectos mais amplos do olhar social. Apesar das críticas que recebeu diante de alguns posicionamentos idealistas da busca da África no Brasil, é perceptível que o autor apresenta bastante lucidez quando se trata dos seus interlocutores. Sendo assim, via nos “zeladores de santo”, uma habilidade formidável para um desenvolvimento intelectual reflexivo, o que demonstrava não se tratar de pessoas alienadas.

Assim, reconhecemos a atitude de Goldman ao pensarmos do ponto de vista intersubjetivo algumas questões sobre o modo como construímos as nossas crenças quando adentramos no universo dos outros, o que diz respeito ao transbordamento do social, considerando que o homem não interage apenas com o universo social como o concebemos, mas também, com universos paralelos que interagem e criam novos sentidos ao que chamamos de relações (LATOURET, 2012). Reconhecemos, assim, que não são as variedades de termos que explicam os fenômenos, visto que os mesmos também podem ser pensados no sentido de validar aspectos que regulam e embasam aquelas categorias as quais referimos.

Nesse sentido, a historiografia é um recurso que permite a reunião de dados e informações que possam contribuir para a sustentação de um posicionamento crítico com relação às posturas com que a transformação etnográfica e a relação ao outro se impõe diante das novas reflexões postas sobre o exercício antropológico. No caso das ligações estabelecidas com os espíritos, as categorias transe, possessão e êxtase foram estudadas dentro de um quadro folclórico, cultural, tendo em vista o espaço que o campo religioso ocupa dentro da normatização do conhecimento científico nos parâmetros epistemológicos, daquilo que é, e daquilo que é puramente representação. E o modo como os próprios intelectuais lidam com as suas crenças em relação às crenças com as quais interagem é de fundamental importância no encontro das preocupações da antropologia simétrica (LATOURET, 2012).

Referir-se às articulações da ideia de crença dentro de uma perspectiva fenomenológica é fundamental para abordagens no cenário religioso, devido à argumentação de que a crença estaria assentada numa dicotomia ilusória por conta da incapacidade de refletir sobre as diferenças entre aquilo que corresponde ao real, dado enquanto uma tese que se cruza com o ideal daquilo que deveria ser, enquanto construção ideológica. A crítica que os fenomenólogos, dentre eles Merleau-Ponty (2006), tecem é no sentido da ocupação centralizada da crença na religião cujo conhecimento e o saber vinculam-se a uma ideia de representação, fazendo com que haja um processo reducionista das experiências.

Assim, há noção de corporeidade, considerada no âmbito teórico sociológico (FOUCAULT, 2004) não como algo que foi interpretado, dentro dos parâmetros subjetivos da representação, no concreto, mas, sim, como algo que é de fato, ou seja, que

existe tendo em vista as múltiplas formas de existir. É comum nos estudos sobre religião a crença de a construção do real ser descrita enquanto um ponto visto dentro de uma perspectiva específica. Mas as evidências das experiências demonstram que as performances dos fenômenos de interação espiritual são capazes de concretizar formas de se conhecer novos universos que interagem entre si.

Ao analisar o ritual do *Bori*, rito de iniciação do Candomblé, Miriam Rabelo (2011) enfatiza que a preparação do corpo para o ato litúrgico do ritual é um campo de experiência, parte integral de um conhecimento religioso disposto às articulações corporais. As disposições deste pensamento podem trazer reflexões sobre a delimitação subjetiva religiosa que interfere na capacidade de interação das experiências com espíritos e divindades, haja vista a simetria capaz de enriquecer e transformar o sentido do que está sendo analisado (RABELO, 2011).

As novas reflexões que compõem o termo social, de acordo com o pensamento sociológico de Bastide, é aspecto importante, pois pensa tais fenômenos numa perspectiva abrangente, o que permite pensar tais categorias em âmbitos mais gerais, tendo em vista a proposta do sociólogo e filósofo Bruno Latour (2012) sobre a composição do social e as possibilidades de pensar as associações, bem como as limitações do fazer epistemológico que isolam a prática científica do contexto social em que está diretamente interagindo, havendo maiores condições de articular conexões de sentido. A importância da compilação histórica produzida para compreender o pensamento bastidiano do ponto de vista sociológico será capaz de elucidar os passos que caminham em direção às aspirações propostas pela Antropologia reversa.

Ao contrário do que previa Durkheim, segundo Roger Bastide, não é o social que produz a religião e, sim, aspectos místicos e estruturas espirituais que interferem na vida social. O modo como Bastide trouxe reflexões sociológicas para pensar o universo cósmico afro-brasileiro transformou o olhar sobre o fenômeno da possessão, pois, por exemplo, as transformações do social também são pertinentes para as novas condições postas através da interferência do pensamento pós-moderno. Considerando que o social é atravessado por outras camadas, as transformações da ideia de social em Bastide sob os fenômenos das interações espirituais ajudam a embasar os fundamentos a fim de problematizar o fato de reconhecer que não há limites que dificultam o enfrentamento das crenças dos intelectuais (LATOUR, 2002), e o modo como, a partir destas crenças, interagem do ponto de vista epistemológico com agências espirituais que atravessam agências humanas.

Se as diferenças são mais importantes do que as semelhanças, consequentemente as diferenciações expressam delimitações que têm por finalidade, elaborações dicotômicas. E isso não significa dar atenção à finalidade destas práticas que

é o ingresso num outro mundo. Os povos primitivos eram capazes de se comunicar com tais categorias práticas de interações espirituais que, em contrapartida, as ciências tradicionais insistem em analisar sem nenhuma pretensão de atentar às interações, considerando que ambas as categorias guardam um mesmo princípio, atender os chamados dos deuses.

Os conteúdos destes fenômenos têm em comum a relação com o sobrenatural e a percepção da ruptura entre o corpo e a alma. Roger Bastide inova ao enfatizar o movimento que a alma impera no tempo dos mitos e das práticas religiosas. A intermediação pressupõe a articulação das conexões entre o penetrável e o impenetrável, que ocorre sem o consentimento daquilo que a ciência valida como racional ou irracional ultrapassando, ou até mesmo superando, limites. No instante em que a sociedade ocidental promove a ruptura quanto aos canais de comunicação e rejeita o sobrenatural, o campo religioso amplia condições para que tais intermediações ocorram do lado dicotômico teológico, retirando, assim, as possibilidades de refletir sobre tais fenômenos que passam a ser explorados aos moldes da dimensão cultural.

Se no início do século XX Bastide já mencionava tais evidências, suas produções auxiliam as reflexões da pós-modernidade que, através do campo da antropologia simétrica (LATOUR, 2012), proporciona a validação objetiva das interações espirituais instauradas através da conexão entre humanos e não humanos.

Referências

- AMARAL, Gloria Carneiro. *Navette Literária França – Brasil: A crítica de Roger Bastide*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. Segundo Volume. Livraria pioneira editora da Universidade de São Paulo, 1960.
- _____. *Estudos afro-brasileiros*. Ed.1. Editora Perspectiva. São Paulo, 1983.
- _____. *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. 2 ed. Ed. Nacional. São Paulo, 1978.
- CAPONE, Stefânia. *A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil*. Contra capa livraria/Pallas, Rio de Janeiro, 2004.
- DURKHEIM, Émile. *Formas Elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Paulinas, São Paulo, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do Sujeito*. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- GOLDMAN, Márcio. *Cavalo dos Deuses: Roger Bastide e as transformações das religiões de matriz Africana no Brasil*. Revista de Antropologia, V.54.1,2011, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

- LATOURE, Bruno. *Reflexões sobre o culto moderno dos Deuses Fe(i)tiches*. Trad. Sandra Moreira, Bauru, São Paulo, EDUSC, 2002.
- _____. *Reagregando o Social*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Pensamento Selvagem*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1970.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naify, São Paulo, 2003.
- MERLEAU PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- RABELO, Mirian. *A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica*. Mana 14 (1): 87-117, São Paulo, 2008.
- _____. *Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas*. Caderno CRH, V.24, n. 6, p. 15-28, Jan/Abr, Salvador – BA, 2011.
- RODRIGUES, Raimundo Nina (1935: 1896-1900). *Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Bib. Div. Científica II, 1935.
- RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1942.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos Brasileiros: Uma análise da Obra de Roger Bastide*. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.